



VOLUME – V. 4
NÚMERO – N. 1
JUN. 2026
ISSN: 2966-1439
P. 194-211

ARQUIVO, PERIFERIA E HISTÓRIA LITERÁRIA: PERIÓDICOS CONTEMPORÂNEOS EM MATO GROSSO

ARCHIVES, PERIPHERY AND LITERARY HISTORY: CONTEMPORARY PERIODICALS
IN MATO GROSSO

Igor Paulo Rodrigues Pereira¹

Hélvio Moraes²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar periódicos literários mato-grossenses contemporâneos como arquivos literários, ou seja, enquanto acervos que registram as complexas relações existentes no processo de criação e divulgação da produção literária no estado e, por consequência, enquanto partes construtoras da história literária no estado. Partimos da revista literária *Vôte!*, marco de consolidação da chamada Geração Coxipó, movimento periférico vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso e constituído como contraponto ao academicismo literário representado por Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita. Consideramos, ainda, outros periódicos, como *Fagulha* e *Estação Leitura*, nos quais essa geração publicou ativamente, entendendo-os como dispositivos de memória e espaços de inscrição da produção contemporânea. A concepção de arquivo adotada para a análise fundamenta-se na noção desenvolvida por Jacques Derrida (2001) e na de “bem de Arquivo”, cunhada por Eneida Maria de Souza (2011). Apresentamos, ainda, como aporte teórico, Mahon (2020), Pedrosa *et al* (2018), Patiño (2009), entre outros.

Palavras-chave: Arquivo Literário. Revistas Literárias. Literatura contemporânea em Mato Grosso. Tradição. Periferia.

¹ Doutorando em Estudos Literários/PPGEL, pela UNEMAT de Tangará da Serra no ano de 2026. Mestre (2024) em Estudos Literários/PPGEL, pela UNEMAT de Tangará da Serra. *E-mail:* igor.paulo@unemat.br

Doutorado (2010) em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

² Professor de Literaturas de Língua Inglesa no curso de Letras da UNEMAT, campus de Tangará da Serra. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL/UNEMAT. *E-mail:* helvio.moraes@unemat.br

ABSTRACT: This article aims to analyze contemporary literary magazines from Mato Grosso as literary archives, that is, as collections that record the complex relationships involved in the process of creating and disseminating literary production in the state and, consequently, as constitutive elements of its literary history. Our point of departure is the literary magazine *Vôte!*, a landmark in the consolidation of the so-called Coxipó Generation, a peripheral movement linked to the Universidade Federal de Mato Grosso and established in opposition to the literary academicism represented by Dom Aquino Corrêa and José de Mesquita. We also examine other magazines, such as *Fagulha* and *Estação Leitura*, in which this generation published extensively, understanding them as sites of memory and spaces for the inscription of contemporary literary production. The concept of the archive adopted in this analysis is grounded in the notion developed by Jacques Derrida (2001) and in the concept of *bem de arquivo* proposed by Eneida Maria de Souza (2011). As additional theoretical support, we draw on Mahon (2020), Pedrosa et al. (2018), and Patiño (2009), among others.

Keywords: Literary Archive. Literary Magazines. Contemporary Literature in Mato Grosso. Tradition. Periphery.

INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre revistas literárias não constitui uma prática recorrente na crítica literária. Esses periódicos raramente atraem a atenção de especialistas, especialmente quando se propõe analisá-los como arquivos, temática também pouco abordada nos estudos literários, “por se confundir, muitas vezes, com uma atitude conservadora e retrógrada frente à literatura” (Souza e Miranda, 2003, p. 9). Tudo indica que o pouco interesse em tê-las como objeto de estudo seja, em parte, resquício de uma tradição cultural que perdurou até o início do século XX, tendo em vista que “Na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil” (Luca, 2008, p. 111). E principalmente, porque, como aponta Luca (2008), os jornais e as revistas literárias foram considerados, até o início do século passado, fontes inadequadas de pesquisa.

A autora, ao tratar da História da imprensa no Brasil, argumenta que, até o início do século passado, o historiador compreendia, que no exercício da sua função, deveria manter-se distanciado do objeto de pesquisa, de modo a garantir a objetividade. Por isto, “Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante

durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante” (Luca, 2008, p. 111-112). E complementa que:

[...] livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria, valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo (Luca, 2008, p. 112).

Os jornais, nesse sentido, não garantiriam a objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade, como citado acima, por isto, foram considerados fontes inadequadas para pesquisa, fornecendo “imagens parciais, distorcidas e subjetivas” (Luca, 2008, p. 112). Apesar dessas peculiaridades inerentes aos periódicos, a criação de novas metodologias científicas exigiu dos historiadores a readequação dos seus métodos de análise, o que possibilitou a incorporação dos periódicos como fontes legítimas para pesquisa, como se pode observar:

Os aportes analíticos provenientes de outras Ciências Humanas, como a Sociologia, a Psicanálise, a Antropologia, a Linguística e a Semiótica, ao mesmo tempo em que incentivavam a interdisciplinaridade e traziam contribuições metodológicas importantes, forçavam o historiador a refletir sobre as fronteiras da sua própria disciplina, cada vez mais difíceis de precisar (Luca, 2008, p. 112).

Nota-se como essa tradição ainda influencia a pesquisa de periódicos literários, que permanecem menos explorados pela crítica, quando comparados a outros objetos de estudo. Porém, é na complexidade que os envolve que reside sua riqueza, uma vez que registram informações importantes para análise e se apresentam como contraponto à concepção de que a objetividade se sobrepõe à subjetividade na produção de conhecimento.

Além de constituírem uma alternativa à publicação em livro, as revistas literárias podem ser compreendidas enquanto arquivos, como dispositivos de registro e preservação da produção artística, contudo não se reduzem a essa função. Neste sentido, pode ser pertinente pensarmos num contraste entre “arquivo” e “tradição literária”, e o papel desestabilizador dos jornais e revistas

literários nesse contexto. Se a tradição literária costuma ser pensada como algo transmitido por continuidade e filiação simbólica entre obras e autores, o arquivo, tal como problematizado por Derrida (2001), introduz uma descontinuidade fundamental nessa lógica. Enquanto a tradição tende a naturalizar seus critérios de valor, apresentando-se como sedimentação natural do que “permanece”, a noção derridiana de arquivo explicita as operações de poder, seleção e exclusão que tornam essa “permanência” possível. A tradição literária supõe uma memória viva e compartilhada; o arquivo, ao contrário, revela que toda memória depende de suportes, instituições e formas de autoridade que decidem o que pode ser conservado, legível e transmissível. A forma “livro” parece dar concretude a uma estabilidade; o jornal e a revista, em muitos casos, surgem para questionar ou se contrapor ao que se apresenta como estável.

Explorando um pouco mais essa concepção de arquivo, compreende-se que ele diz respeito tanto à ordenação da coleção quanto ao domínio que se exerce sobre ela (Pedrosa *et al*, 2018). O arquivo pode ser entendido como um território em disputa e, desse modo, como uma instância em permanente construção. Pensá-lo implica refletir sobre quem tem poder sobre ele, quem pode enunciar e arquivar e, em última análise, determinar o que deve ser arquivado.

Ao compreendê-las como arquivos, nessa perspectiva — considerando-se especificamente os periódicos artístico-literários —, infere-se que mantêm relação com a noção de cronotopo. Embora Mikhail Bakhtin formule o cronotopo como categoria voltada à análise das formas narrativas, entendendo-o como a articulação indissociável entre tempo e espaço tal como assimilada artisticamente na literatura, é possível mobilizá-lo, por aproximação, para pensar as revistas enquanto dispositivos que também organizam e materializam determinadas configurações temporais e espaciais da produção literária.

As revistas, enquanto arquivos, condensam um tempo histórico específico e o inscrevem em um espaço institucional, geográfico e simbólico. Ao contrário do que ocorre com o livro, elas registram a literatura em seu processo de desenvolvimento, pois operam com uma marcação temporal mais imediata. O livro, em geral, resulta de um percurso mais longo: envolve tanto o trabalho de seleção do escritor — que organiza e revisa produções previamente elaboradas,

constituindo um pré-arquivo pessoal — quanto as etapas de editoração, produção e circulação. A revista, por sua periodicidade e dinâmica coletiva, tende a captar com maior proximidade os movimentos, tensões e experimentações de um determinado momento literário, configurando uma temporalidade mais próxima do acontecimento, em perspectiva semelhante à de Roxana Patiño (2009, p. 459):

[...] as revistas geram um sentido imediato da literatura e da cultura de um dado momento; permitem captar com grande nitidez um estado de permeabilidade dos discursos, uma espécie de estado de latência prévia à sua consolidação em ideologias culturais, enquanto conjunto articulado de ideias e valores. Este estado de mobilidade do pensamento e da sensibilidade possibilita uma série de cruzamentos diversos, novos e inclusive contraditórios, impensáveis *a posteriori*.

Por registrarem de modo quase imediato os dados culturais do campo literário, as revistas constituem um acervo profícuo para os estudos críticos, configurando-se como verdadeiros arquivos literários. Assim,

Vistas numa perspectiva histórica e como conjunto, as revistas permitem estudar, com uma precisão maior, os processos de conformação de ideologias literárias e culturais, os mecanismos de instauração e consagração de um tipo de discurso em detrimento de outros, a constituição de certa classe de intelectual erigido como a “voz autorizada” (o acadêmico, o literato, o escritor-jornalista, profissional ou ocasional etc.) (Patiño, p. 459, 2009).

Com isto em mente, o presente artigo tem por objetivo refletir sobre os periódicos literários mato-grossenses contemporâneos enquanto arquivos literários, ou seja, enquanto acervos que registram as complexas relações existentes no processo de criação e divulgação da produção literária no estado e, por consequência, enquanto partes construtoras da história literária no estado. Temos, como ponto de partida, a revista literária *Vôte!*, por ser o periódico que marca a consolidação da Geração Coxipó, que surge como movimento periférico vinculado à UFMT, contrapondo-se ao academicismo literário representado por Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita e que remete às primeiras décadas do século XX em Mato Grosso. Consideramos, ainda, outros periódicos, como *Fagulha* e *Estação Leitura*, nos quais essa geração publicou ativamente, publicações que

igualmente permitem apreender os modos de organização e afirmação da literatura mato-grossense contemporânea.

AS REVISTAS LITERÁRIAS COMO ARQUIVOS

Em que implica considerarmos revistas literárias como arquivos? Não no sentido comum de suporte e acervo, mas no de compreendê-las como resultado de um processo autoral complexo, que agrega e articula diversas expressões culturais de forma quase imediata.

Ainda que possamos considerá-las fontes primárias, existe um processo de criação que as antecede. A produção artística e intelectual que lhes confere existência articula-se não apenas aos sujeitos que a enunciam, mas às práticas e gestos de inscrição que a tornam possível, o que nos remete à noção de *exergo*, tal como formulada por Jacques Derrida:

(...) o *exergo* consiste em capitalizar numa elipse. Acumular de antemão um capital e preparar a mais-valia de um arquivo. Um *exergo* estoca por antecipação e pré-arquiva um léxico que, a partir daí, deverá fazer a lei e dar ordem contentando-se em nomear o problema, isto é, o tema. Há uma função em um só tempo (Derrida, 2001, p. 17).

O *exergo* é, em síntese, a primeira figura do arquivo. O primeiro gesto que, ao precedê-lo, institui e ordena; por isso, ele expressa, antes de tudo, uma *vontade de arquivo*, nos termos propostos pelo teórico. Quando pensamos nas revistas, essa noção revela que há, por um lado, um processo prévio de criação artística e elaboração intelectual e, por outro, um movimento de seleção e exclusão que condiciona a constituição desse espaço coletivo. O *exergo* refere-se ao gesto ou à instância que antecede o arquivamento e o condiciona, isto é, aquilo que o institui a partir dos termos e da *lei* que o autorizam, antes mesmo de sua capitalização. Desse modo, evidenciam-se procedimentos frequentemente negligenciados na constituição do arquivo literário. Há, portanto, também uma *vontade de revista* que antecede sua materialização.

Esse gesto, no entanto, não é exercido por qualquer sujeito. Há um agente ou grupo que detém o poder de selecionar ou excluir, que dita a *lei* e a *ordem* conforme às quais a revista se organiza e que institui e autoriza seu começo. Nesse sentido, Jacques Derrida retoma a etimologia da palavra *arkhê*, que, segundo o autor, “designa ao mesmo tempo o *começo* e o *comando*” (Derrida, 2001, p. 11, grifo do autor). O *começo* relaciona-se à ideia de instituição, de ponto de partida; o *comando*, à ideia de autoridade, isto é, àquele que detém o direito ou o poder sobre o arquivo, inclusive o poder de legislar sobre ele. Desta forma, ambos remetem à figura dos arcontes:

Aos cidadãos que detinham e assim denotavam o poder político reconhecia-se o direito de fazer ou de representar a lei. Levada em conta sua autoridade publicamente reconhecida, era em seu lar, nesse lugar que era a casa deles (casa particular, casa de família ou casa funcional) que se depositavam então os documentos oficiais. Os arcontes foram seus primeiros guardiões. Não eram responsáveis apenas pela segurança física do depósito e do suporte. Cabiam-lhes também o direito e a competência hermenêuticos. Tinham o poder de interpretar os arquivos (*ibidem*, p. 12).

O autor explica que é nesse contexto domiciliar – simultaneamente privado e político – que os arquivos nasceram, marcando a relação entre sua instituição e os direitos que sobre eles se exercem. Nesse cenário, surgem os chamados arcontes, aqueles que detinham o domínio e a autoridade sobre os conteúdos arquivados. O arconte configura-se, assim, como aquele que concentra o saber, regula o acesso e delimita as possibilidades de interpretação, o que evidencia a existência de interesses sobre o arquivo, uma vez que nasce inscrito em uma estrutura de poder.

As revistas, de modo semelhante, não surgem ao acaso: resultam de um projeto, coletivo ou não, que se materializa por meio de instâncias editoriais, as quais, à maneira do arconte descrito por Derrida, exercem a prerrogativa de selecionar, organizar e legitimar os discursos que passarão a compor esse arquivo coletivo. O lugar ou começo, no caso das revistas, corresponderia à delimitação do tipo de suporte, à inscrição geográfica que as situa e ao conjunto de discursos, estéticas e estilos que passam a ser legitimados; já o “direito” sobre o arquivo remeteria a seu(s) idealizador(es) e editor(es), ou seja, àqueles que detêm a autoridade para definir seus critérios de seleção, organização e circulação.

Vale ressaltar a impossibilidade de dissociar arconte de arquivo, isto é, conteúdo e titularidade: “Já apresentar-se como arconte exclusivo, leitor legal e oficial do arquivo é, no final das contas, a possibilidade de dominar, de criar o passado a partir dos próprios interesses ou, no mínimo, do próprio lugar de enunciação, cancelando os outros” (Pedrosa *et al*, 2018, p. 23-4). Se o poder de guarda implica também o poder de interpretação, então o arquivo jamais é neutro: ele constitui um campo de forças, atravessado por disputas quanto ao que deve ser preservado, legitimado e lido e quanto às formas mesmas de sua leitura.

Como desdobramento dessa dinâmica de poder, pela qual todo arquivo se institui mediante tensões constitutivas que visam à seleção e à autoridade, pode-se afirmar que também as revistas padecem do “mal de arquivo”, tal como o concebe Derrida. Se todo gesto de arquivamento implica escolher e preservar, ele implica igualmente excluir. O desejo de guardar e de lembrar produz, paradoxalmente, esquecimento e apagamento. Para Derrida, essa vontade de arquivo causa uma contradição interna:

Não haveria certamente desejo de arquivo sem a finitude radical, sem a possibilidade de um esquecimento que não se limita ao recalcamiento. Sobretudo, e eis aí o mais grave, além ou aquém deste simples limite que chamam finitude, não haveria mal de arquivo sem a ameaça desta pulsão de morte, de agressão ou de destruição. Ora, esta ameaça é *in-finita*: ela varre a lógica da finitude e os simples limites factuais, a estética transcendental, ou seja, as condições espaço-temporais da conservação. Digamos melhor: ela abusa. Um tal abuso abre a dimensão ético-política do problema. Não há um mal de arquivo, um limite ou um sofrimento da memória entre vários outros: implicando o in-finito, o mal de arquivo toca o mal radical. (Derrida, 2001, p. 32)

Ao mesmo tempo em que o idealizador arquivava, ele excluía. Não há arquivo sem o seu mal – sem destruição, exclusão e esquecimento. Este mal habita também as revistas literárias. Contudo, ainda que isso seja inevitável, podemos, na contramão, falar do bem de arquivo, perspectiva que pressupõe a existência de marcas deixadas por todo acervo, como propõe Eneida Marilda de Souza em *A biografia: um bem de arquivo* (2011), ao destacar a importância dos bastidores da criação artística como material potencial para a pesquisa crítica.

O bem do arquivo corresponde ao conjunto de traços que é deixado pelo escritor no processo de criação: os rascunhos, as anotações, o ambiente de criação, tudo que possa fazer com que se compreenda melhor o processo de criação artística ou até mesmo que torne possível construir novas interpretações, variáveis que são impensáveis a partir da obra acabada.

Ainda que a autora trate o bem do arquivo sobretudo a partir dos aspectos documentais do processo de criação autoral, presentes em fontes primárias, podemos estender essa reflexão aos periódicos literários, considerados aqui igualmente como fontes primárias. Tal consideração decorre do fato de que as revistas são produzidas no curso da história e registram não apenas as produções literárias, e críticas, mas também as redes de sociabilidade, as disputas estéticas e os posicionamentos intelectuais de um determinado momento. Configuram-se como testemunhos originais de uma época. É nesse sentido que elas são:

Os bastidores da criação, as experiências vividas pelos autores – ligadas à produção literária e existencial – constituem lugares pouco conhecidos pela crítica. A intenção de reunir crítica biográfica e crítica genética permite expandir o registro documental dos autores como tentativa de recuperar estágios pré-textuais e estágios previvenciais (Souza, 2011, p. 42).

Nelas podemos encontrar as marcas deixadas dos escritores pelas obras publicadas no início de suas carreiras e, considerando a sua periodicidade, o registro temporal das mudanças no fazer artístico. Elas possibilitam observar as relações existentes numa geração de escritores, a sua relação com a crítica – que comumente também publica nesses veículos. São, portanto, um acervo que registra, ainda que pela ausência, a complexidade da vida literária de um determinado tempo e espaço.

Derrida (2001) afirma que a questão do arquivo é tão complexa que não basta apenas que o princípio de *comando* e *começo* estejam presentes. Deve haver, ainda, uma relação que os conecte, o que ele vem a chamar de *consignação*. Em suas palavras:

A consignação tende a coordenar um único corpus em um sistema ou uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal. Num arquivo, não deve haver dissociação absoluta,

heterogeneidade ou segredo que viesse a separar (*secernere*), compartimentar de modo absoluto. O princípio arcôntico do arquivo é também um princípio de consignação, isto é, de reunião (Derrida, 2001, p. 14)

Por isto, existe uma dimensão pessoal nos arquivos. Existem os autores que cedem sua produção artística para compor a revista e, nesse movimento de passagem institucional – do domínio íntimo e pessoal para o institucional (arquivo), passam também a constituir aquilo que se denomina “revista literária”. E pelo princípio da consignação não é possível dissociar autor e obra, nem obra e suporte, contexto, lugar, autoridade e demais instâncias que a legitimam e a organizam. Nesse sentido, o arquivamento necessita da consignação e sem esse princípio de união, não há revista, não há arquivo. A união relaciona-se, por fim, ao sentimento de coletividade que remete, por sua vez, à vontade fundadora do surgimento de um suplemento literário. Afinal, nenhuma revista surge sem um projeto, muitas vezes representado por um manifesto que norteia seus ideais e une os artistas aos mesmos objetivos.

ARQUIVO LITERÁRIO CONTEMPORÂNEO DE MATO GROSSO

Enquanto arquivos, as revistas constituem uma das formas pelas quais o estudioso e o crítico acessam o passado literário, em diferentes níveis e sob múltiplas possibilidades de leitura. Na perspectiva que adotamos — ancorada na concepção derridiana de arquivo desenvolvida ao longo deste artigo –, jornais e revistas são acervos instituídos por seus idealizadores, que selecionam e organizam os artistas e obras que comporão o projeto. A cada edição, esses periódicos não apenas reúnem textos, mas também consignam sentidos, produzem narrativas sobre si mesmos e sobre o campo literário em que se inserem, legitimando determinadas escolhas e silenciando outras. Desse modo, participam ativamente da construção da história literária do estado de Mato Grosso. Para examinar como os periódicos literários contemporâneos operam nesse processo, partiremos da apresentação da revista literária *Vôte!*, um dos primeiros meios de publicação e circulação de obras contemporâneas no estado.

Como observa Patiño (2009), as revistas literárias se caracterizam por uma inserção imediata na cultura, intervindo diretamente no debate estético e intelectual de seu tempo. À luz dessa compreensão, a revista *Vôte!* pode ser entendida não apenas como veículo de circulação de parte significativa da produção de autores mato-grossenses, mas também como um dado constitutivo da cultura do estado. Além disso, o periódico assinala o surgimento de uma geração literária – a chamada Geração Coxipó. Enquanto arquivo, *Vôte!* permite que a crítica retroceda no tempo e reconheça os diálogos estabelecidos entre os intelectuais da época, bem como as tensões e convergências que configuravam o campo literário. A existência desse e de outros arquivos torna possível compreender não apenas o passado, mas também os contornos da atualidade literária do estado.

Espaço de intersecção de discursos, *Vôte!* preserva registros de seus colaboradores da época – jovens escritores que se posicionavam em oposição ao academicismo instaurado pela dupla Aquino-Mesquita³, muitas vezes de forma jocosa e irônica como destaca Mahon (2020, p. 14):

Foram raros os autores que desafiaram a AML, para a qual convergiu a maioria dos escritores do século XX, sobretudo aqueles alinhados ao projeto literário da dupla Aquino-Mesquita, que consistia na prosa memorialista de caráter laudatório, de um lado, e na poesia parnasiana de versos alexandrinos, de outro. Cumpria aos intelectuais que gravitavam institucionalmente em torno do presidente perpétuo da AML a função de apoiar a narrativa de uma terra pacificada e pronta para o desenvolvimento

É nesse contexto que surge a revista *Vôte!* e se consolida a Geração Coxipó. José de Mesquita e Dom Aquino Corrêa reconheciam apenas escritores que abordassem Mato Grosso, optando por uma literatura ufanista e laudatória, em aparentemente descompasso com as tendências literárias dos grandes centros culturais brasileiros. “Aparentemente”, como ressalta Mahon, pois tratou-se de uma escolha consciente de projeto estético e cultural:

3 Dom Francisco de Aquino Corrêa (1885–1956) e José de Mesquita (1892–1961) foram líderes da vida literária e cultural de Mato Grosso nas primeiras décadas do século XX. Seu projeto estético, de matriz romântico-parnasiana, orientou periódicos, instituições e produções literárias, influenciando gerações e consolidando parâmetros estéticos que marcaram a literatura mato-grossense ao longo do século XX.

Enquanto os grandes centros discutiam, durante toda a década de 1930, qual “modernismo” iriam adotar, se mais ou menos alinhado com as estéticas europeias, se mais ou menos afeito à identidade nacional pelo resgate do barroco mineiro, por exemplo, em Mato Grosso, a Academia de Letras impulsionava a métrica parnasiana e uma fértil cultura de crônicas memorialistas aparente descompasso é traiçoeiro ao crítico que pretenda uma análise apressada. Essa assimetria estética não foi resultado de um “atraso” e sim de uma opção de estilo e de temática. O romantismo, com a forte carga de individualismo desiludido, o intimismo sensual e propensão para o autoextermínio nos casos de desilusão amorosa foi taxativamente afastado por D. Aquino Corrêa. Como resultado dessa escolha, o religioso preferiu eleger a estética do verso alexandrino e suas variantes, mirar a beleza erudita do neoclássico como padrão a ser seguido e, ao mesmo tempo, saudar um futuro de progresso para Mato Grosso (Mahon, 2020, p. 37 - 8).

Além disso, como observa o crítico, há uma ambivalência na produção literária encorajada pela dupla. Embora rechaçassem certas transformações que a capital de Mato Grosso vinha experimentando, reconheciam a necessidade de modernização e de “saudar o progresso”. Mahon nos oferece um exemplo, por meio do poema *Visão de futuro*, de Mesquita (1930, p. 37):

A era nova desponta. O auto, célere, corta
Teus campos, onde a messe, esplendida, se espraia.
Silva a locomotiva... E da tapera morta
Como que nova luz radia, ardente e gaia.
O velívolo leve os teus ares recorta.
A orchestra do progresso os seus hymnos ensaia.
Tempo é de ressurgir, nesse teu sonho absorta,
para a gloria sem par que no horizonte raia!
Venha o dia feliz em que, fortes e unidos,
os teus filhos farão, nos labores da leira,
do trabalho no afan, rijos e decididos
surgir desse teu seio apoiado e fecundo,
com que se há de nutrir a humanidade inteira
– Terra da Promissão e celleiro do mundo!

A Geração Coxipó, como observa Mahon, surge na contramão da estética passadista e saudada adotada pelos integrantes da AML. Apenas como exemplo, apresentamos abaixo um excerto do poema “Cidade Fantasma”, de Eduardo Ferreira (1993, p. 8), publicado na revista *Vôte!*:

Nada de novo na cidade fantasma

Tudo de velho no Centro Oeste BAR NIGHT
Crianças armadas até os dentes
Fogo cruzado entre barricadas espelhadas

A guerra nunca terminou
Sabemos que jamais haverá vencedor
Por eras a fúria toma conta dos ares
Artilharias disparando por intermináveis horas [...]

Ao se distanciarem do projeto estético predominante na Academia Mato-Grossense de Letras, os jovens escritores buscaram inspiração em autores fora desse círculo dominante, como Manoel de Barros, Wladimir Dias-Pino, Ricardo Guilherme Dicke e Teresa Albuês. Ainda assim, suas obras parecem revelar certa ambivalência que reflete as tensões entre tradição e experimentação:

Esse período de tensionamento entre a AML e os antiacadêmicos que almejavam uma estética diversa do parnasianismo hegemônico legou a ambivalência central na literatura local. De um lado, o convencionalismo estruturado pela dupla Aquino-Mesquita, idealizadores de um passado e proponentes de um futuro de progresso; de outro, os modernistas que, ao firmarem oposição à estética academicista, viam o progresso de Mato Grosso com muitas reservas. (...) Mesmo o antiacademicismo foi um movimento ambivalente. Inevitavelmente, dialogou com a tradição, reforçando-a de alguma forma. O convívio entre intelectuais que se expressavam de forma estética divergente foi muito mais intenso do que verdadeira a ruptura entre si (Mahon, 2020, p. 116).

Como exemplo, temos o poema de Rômulo Carvalho Netto (1992, p. 8), também publicado na Revista *Vôte!*. Ainda de acordo com Mahon, por um lado, o poema aborda a degradação ambiental, resultado da “ganância urbana”; por outro, mantém o viés regionalista:

Chega a noite e sua
imensa lua cheia
povoa nossas tortas ruas
estreitas.
Um homem passa devagar
Sorrindo para as moças
casadoiras acotoveladas
nas janelas seculares.
O tempo deixou muitas marcas
mas a ganância urbana
aos poucos destrói nossa memória

Triste de nós
somos um povo sem passado.

A discussão sobre a produção literária em Mato Grosso a partir da década de 1970, com a consolidação da Geração Coxipó, evidencia a importância de *Vôte!* na construção da história literária do estado. Por meio dessa revista e, naturalmente, de outras fontes — tem-se acesso ao que foi registrado e selecionado do passado, revelando a presença de um projeto literário que se contrapôs à hegemonia vigente na época.

Desse modo, as revistas das quais essa geração literária participou instauraram uma instabilidade na tradição literária, contrapondo-se e, posteriormente, ainda que de maneira contraditória, integrando-se à AML. Contraditório porque é justamente a partir dessa tensão e da consolidação desses escritores que é possível o ingresso de parte deles à Academia Mato-grossense de Letras (AML).

Vôte! une essa geração de escritores, fornece espaço e sustenta a posição deles frente ao tradicionalismo instituído pela AML, demonstrando a importância dos jornais e revistas enquanto formas de organização. E como consequência, demonstra sua importância arquivística, que possibilitou recuperar parte do que se construiu da história literária, das influências existentes, das contradições do grupo, da sua organização frente ao grupo hegemônico integrante à AML. Nesse sentido, como propõe Patiño (2009, p. 459):

Em seu interior, as revistas atuaram como geradoras e sustentadoras das diversas posições que intelectuais e artistas tomaram ao longo do século, frente a problemáticas específicas; ao mesmo tempo, em sua projeção exterior, abriram vasos comunicantes com uma sociedade que, em vários momentos, recorreu à cultura e à literatura para encontrar suas bases identitárias, seus conteúdos integradores, assim como novos fundamentos de valor.

Agindo assim, como sustentação, *Vôte!* abriu caminho para novas possibilidades na produção literária em Mato Grosso, o que culminou, entre outras coisas, no surgimento de novos periódicos, como a revista *Estação Leitura* (2004), dirigida por Wander Antunes e *Fagulha* (2006), por Juliano Moreno, ambas de grande importância para essa geração vanguardista. Esses acervos possibilitam que se reconheça as ambivalências e as mudanças ocorridas dentro do grupo.

Oferecemos um exemplo: é somente a partir de Estação Leitura que Cuiabá perde um pouco de seu protagonismo, abrindo espaço para perspectivas contemporâneas mais amplas e conectadas a tendências globais. Como observa Mahon (2020, p. 166):

A consolidação da nova geração de escritores no princípio do século XXI trouxe consigo as questões da contemporaneidade: (a) perspectiva cética e/ou pessimista quanto ao presente; (b) marcante individualismo; (c) futuro incerto; (d) constatação de uma paisagem deserta, caótica e transformada; (e) busca pelo marginal e/ou distópico.

O poema “Serenos serenos serenando...”, de Odair de Moraes (2006, p. 10), publicado em *Estação Leitura*, sintetiza essas características, corporificando integralmente o panorama contemporâneo a que vimos aludindo:

Só eu mesmo vou assim devagar
por estas ruas desajustadas

Como um cão sem dono a passear sua sombra.

Venço o asfalto adverso
com a animosidade dos que nutrem
esperança alguma.

Vou na velocidade de um manco!
Com o meu olhar coletor de níqueis
e o gigante dedo de Deus sobre as costas.

A vida é este caminhar solitário
que eu conheço bem.

As tensões a que nos referimos não podem ser facilmente apreendidas em livros, como afirma Patiño (2009). O imediatismo e as redes de relações que constituem jornais e revistas tornam possível observar a memória literária em processo de construção. Por isso, Derrida propõe que arquivo é memória autorizada e, por extensão, entendemos que é também esquecimento autorizado. Patiño (2009, p. 458) sustenta, nesse sentido, que as revistas atuam como construtores informais de genealogias e de projetos culturais – como se verifica nos casos anteriormente mencionados – e argumenta que é possível

(...) estudá-las no momento de seu surgimento, quando ainda compartilham o espaço dentro de um mesmo imaginário cultural com outros lugares dos quais, depois de já consolidados como projetos específicos, se diferenciarão com uma identidade própria. Não é possível captar de outro modo esta dinâmica de entrecruzamentos em que um texto dialoga com outros numa revista, como não acontece num livro.

Desse modo, a autora defende que é por meio dos periódicos que tais procedimentos analíticos se tornam viáveis. De modo geral, o livro, enquanto forma estabilizada e individualizada, não comporta a mesma complexidade relacional que caracteriza jornais e revistas, nos quais textos, autores e projetos estéticos coexistem e se tensionam em um mesmo espaço editorial. À luz de Souza (2011), pode-se afirmar que são precisamente essas tensões – inscritas nas escolhas editoriais, nas convergências e dissensos entre colaboradores, nas formas de inserção e legitimação dos escritores – que configuram o que a autora denomina bem de arquivo. Aplicado aos periódicos literários, o conceito permite compreendê-los como registros privilegiados de um determinado tempo histórico e das dinâmicas de constituição de um campo literário.

Ao tratar da importância da biografia e dos materiais que compõem os bastidores da criação artística, Souza (2011, p. 42) afirma:

A página de rascunho, metaforicamente considerada o jardim íntimo do escritor, revela o que o texto definitivo não consegue transmitir: a imaginação sem limites, os recuos da escrita, os borrões, o espaço no qual a face escondida da criação deixa transparecer o fulgor e a paixão da obra em processo. Página branca, marcada de signos negros, torna-se a imagem do espelho que refletiria as relações pessoais do escritor com o texto, onde se supõe ser tudo permitido

Se, no manuscrito, tais marcas dizem respeito ao processo íntimo da escrita, nos periódicos elas se deslocam para outro plano: não o da elaboração individual do texto, mas o da elaboração pública de projetos estéticos e de posicionamentos coletivos. Nesse sentido, os periódicos podem ser compreendidos como acervos biográficos não por registrarem rascunhos, mas por preservarem vestígios das trajetórias autorais em formação: suas alianças, suas disputas e suas estratégias de circulação.

Esse movimento torna-se particularmente visível quando textos inicialmente publicados em revista são posteriormente reunidos em livro, como ocorre em *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século* (2002), organizado por Juliano Moreno e Mário Cesar Silva Leite, que reúne narrativas originalmente publicadas na revista *Vôte!*. O deslocamento do periódico ao livro evidencia o processo de consolidação de uma obra e de um projeto literário que, na revista, ainda se encontrava inscrito em um espaço de interlocução e compartilhamento.

Ressaltamos, ainda, que os integrantes desta geração literária seguem compondo e publicando em periódicos mais recentes, como aconteceu com a *Revista Literária Pixé* (2019-2023). Além disto, esses periódicos servirão de fonte para que os críticos do futuro compreendam as tensões que envolvem a literatura produzida nas primeiras décadas do século XXI. Esses arquivos, que estão registrando, construindo e validando a memória, serão cruciais para o entendimento do contemporâneo em Mato Grosso.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEITE, Mário Cezar Silva; MORENO, Juliano (org.). *Na Margem Esquerda do Rio: contos de fim de século*. São Paulo: Via Lettera, 2002.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. Cap. 5, p. 111-155.
- MAHON, Eduardo Leite Moreira. *Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso*. 2020. 288 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade do Estado de Mato Grosso.
- MESQUITA, José de. *Da epopeia mato-grossense*. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1930.

PATÍÑO, Roxane. América Latina: Literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo. (org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 456-470.

PEDROSA, Célia; KLINGER, Diane; WOLFF, Jorge; CÁMARA, Mario. (Org.). *Indicionário do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

REVISTA ESTAÇÃO LEITURA. Cuiabá, n. 6, fev. 2006.

REVISTA FAGULHA. Cuiabá, n. 1, 2006.

REVISTA LITERÁRIA PIXÉ. Cuiabá-MT, Edição Piloto, ano 1, mar. 2019. Disponível em: <<https://www.revistapixe.com.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2026

REVISTA VÔTE! Cuiabá, n. 1, out. 1992.

REVISTA VÔTE! Cuiabá, n. 3, fev./mar. 1993.

SOUZA, Eneida Maria de. A biografia: um bem de arquivo. In: SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. São Paulo: Humanitas, 2011, p. 39 – 52.

SOUZA, Eneida Maria de; Miranda, Wander Melo (org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Recebido em: 23/02/2026

Aprovado em: 27/07/2026